

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

## HISTÓRIAS DE PRESENÇA NO MUNDO<sup>1</sup>

*Beïda Chikhi*

Doutora em Letras, Professora Emérita da Universidade Sorbonne, Paris IV, Beïda Chikhi foi Diretora do Centre international d'études francophones, nesta universidade, e da Coleção Lettres francophones, na Presses de l'Université Paris-Sorbonne (PUPS), de 2003 a 2012. Iniciou e dirigiu diversos programas de investigação, destacando-se “Imaginaires et poétiques de l'Histoire” e “Littérature et épistémologie”, que desenvolvem as principais questões francófonas. Beïda Chikhi participou no lançamento da base de dados LIMAG (Littératures du Maghreb) e na conceção do Bulletin de liaison des littératures du Maghreb, editado pela CICLIM (Coordination internationale des chercheurs en littérature maghrébine).

Este ensaio versa essencialmente sobre o que se denomina de “nova literatura magrebina” em língua francesa, caracterizada pelo seu hermetismo e de leitura por vezes difícil. Neste trabalho a autora questiona alguns textos representativos dessa literatura. Entre as obras magrebina discutidas, destacam-se as do escritor tunisino A. Meddeb, as de Nabil Fares para a Argélia, e para Marrocos, as de Abdelkébir Khatibi. Com referências na filosofia e na

---

<sup>1</sup> Beïda Chikhi (1996). *Maghreb en textes, Écriture, histoires, savoirs et symboliques*, Paris: l'Harmattan, pp 171-175. ISBN: 2-7384-4103-3

psicanálise, a abordagem crítica de Chikhi destaca-se das leituras mais tradicionais (sociocríticas, narratológicas, etc.).

## O Impasse camusiano

Em geral, os leitores de Camus procuram mostrar como a fenomenologia serve de pretexto e véu para um discurso fundador, legitimando a presença da comunidade “pied-noir” e apagando o Outro, o árabe, ou omitindo a sua referência. Tudo aconteceria, na obra de Camus, como se “o seu pensamento se tivesse petrificado em uma espécie de ontologia e que a dialetização nele impressa [por exemplo] pela obra de Kateb, através da essência específica de sua linguagem fortemente pictórica, desse às personagens (como à natureza) a força para se livrar do amorfo do mito”<sup>2</sup>. A partir desta observação e após ter destacado na ficção de katebiana o retorno à órbita de uma dialética entre o mito e a História – “a História tornou-se desde Hegel a instância dominante da modernidade” – Naget Khadda deixa-se tentar pela ideia de uma modernização de Camus por Kateb. Com efeito, desde Kateb, o centro de irradiação da obra Camusiana é a manifestação de um impasse tanto literário, como ideológico; algo que se manifestou nessa tensão entre ontologia e história, e que se denomina precisamente tensão ontológica. A mesma que, para além da escrita histórica de seus romances, se assinala, de forma diferente decerto e através de outros lugares, em Kateb (a intertextualidade opera desvios e trilhos por vezes surpreendentes!). Não será por acaso que fala do impasse Katebiano, e mais

---

<sup>2</sup> Cf. “Echos camusiens dans *Nedjma*” in Camus au présent. Revue des Langues Étrangères de l’Université d’Alger, janv. 1990. pp. 145-146.

amplamente daquele da literatura magrebina às voltas com conflitos de códigos e de interpretações?<sup>3</sup>

Nabile Farès concebe muito claramente este impasse, dizendo que para ele o texto de Camus é o “texto vivo da incapacidade das civilizações de se elevarem ao nível dos territórios e dos fôlegos que esses territórios carregam”<sup>4</sup>. Tal impasse não pode ser contornado, e é através um retorno a conhecimento adâmico primário, a uma questão primária, que nos remete ao tempo anterior ao conflito Natureza / Cultura ou ao tempo anterior ao Livro:

Pai, eu fui discípulo na zauia do meu mestre, mas  
hoje o Livro mudou de lado e de leitores.

Eu questioneei a colina, e a colina disse-me mais do que o Livro,  
e todas as suas páginas reunidas.

Eu questioneei o vale, e o vale mostrou-me mais coisas do que  
o Livro e todas as suas páginas reunidas.

Eu questioneei a montanha, e a montanha exigiu mais  
do que o Livro, e todas as suas páginas reunidas.

Eu perguntei aos meus irmãos e meus irmãos responderam-me mais  
coisas que o Livro e todas as suas páginas reunidas.

Eu então conheci esta escolha: ser um discípulo do Livro, ou um  
ser do  
mundo?

---

<sup>3</sup> A ideia do impasse foi expressa pelo próprio Kateb Yacine: “Esta perdição na minha obra, sinto-a ainda mais à medida que me afundo no impasse entre o monólogo interior que continua em francês e as exigências do teatro atual em árabe popular e em Tamazight. É o impasse materno, e é aí que moro”. Citado por Abdelkader Djeghloul, que vê na obra de Kateb o génio da transformação deste impasse num lugar que produz sentido. [“Cette perdition dans mon œuvre, je la ressens d’autant plus que je m’enfonce dans l’impasse entre le monologue intérieur qui se poursuit en langue française et les exigences du théâtre actuel en arabe populaire et en tamazirt. C’est l’impasse natale, et c’est là que j’habite”] Cf. “Ecriture de la clôture et impasse katébiennne” in *Actualité de l’émigration*, n° 18, du 20.11.85.

<sup>4</sup> Nabile Farès, in “Le discours controversé”, citado.

Pai, eu digo estas coisas enquanto meu coração ainda permanece  
na zauia do meu mestre,  
Mas o meu  
sofrimento, pai?  
(o meu sofrimento)  
quer ir além do Livro,  
Eu quero  
ser,  
Além  
no  
jogo  
livre do mundo” (L'Exil et le désarroi)\*

É assim que este texto de Farès narra, através de grandes fragmentos de pensamento ontológico, feitos de poesia-imagem e de poesia-música, e no prolongamento dos esboços semânticos da enunciação metafórica de Camus, mas em antítese, narra, dizia-se, este desejo da personagem de entender o mundo sem o Livro e de voltar, seguindo a palavra da terra que nele se forma, *voluptuosamente para a palavra de árvore e de vento*, como se “a árvore e o vento quisessem estar [nele], como se a erva, a pedra, a água e o distante campo da nascente, estivessem [nele], percorrendo o interior do corpo e do sonho”. Viver ou reviver o vínculo ontológico é lutar contra tudo o que não é ou que é contra a terra, “mulher gerada pelo mar”, contra o ser-no-mundo. Esta luta torna-se necessária para Nabile Farès, quando o pensamento vacila diante da enigmática dureza da realidade que tenta enclausurar a palavra e o próprio ser. Nesses momentos, as visões históricas desintegram-se, as referências apagam-se, só permanece esse desejo de imersão no cósmico. O significado das “palavras cósmicas” pretende então cobrir o exílio, as fraquezas, séculos de angústia e a ansiedade que os homens compartilham, entre um começo e um fim fictícios. Pontuação da infância e da natureza, a linguagem redescobre

o seu ritmo puro “no recorte dos mares”. Lembramos a imersão cósmica de Mohamed Dib, que começou com a redação de *Cours sur la rive sauvage* com a dissolução da personagem em elementos naturais, água, fogo, vento, pedra; a de Mouloud Mammeri em *L’Opium et le baton*, e mais perto de nós, as imersões de Khatibi em *Amour bilingue* e de Meddeb em *Phantasia*. Em momentos de impasse, o mundo retoma a sua forma cósmica e pede mutações: o homem encontra-se então, por meio da mente, do seu intelecto e da sua audição, em “espera-para” e pronto a retomar o caminho oposto para viver ou para compreender de maneira diferente algumas verdades fundadoras, aquelas que só se encontram na juventude e à maneira camusiana:

E então chega sempre um momento na vida de um artista em que se tem que fazer o balanço, aproximar-se do seu próprio centro, para depois tentar ficar nele /... /. No sonho da vida, eis o homem que encontra as suas verdades e que as perde na terra da morte, para regressar através de guerras, de gritos. A loucura de justiça e de amor, a dor finalmente, para esta pátria tranquila onde a própria morte é um silêncio feliz. Eis ainda... Sim, nada impede de sonhar na própria hora do exílio, pois, pelo menos, eu sei disso de ciência certa, que uma obra do homem é apenas esta longa jornada para encontrar, através dos desvios da arte, as duas ou três imagens simples e grandes nas quais, o mundo se abriu uma primeira vez.<sup>5\*\*</sup>

Foi também após uma longa jornada e de desvios que os escritores do Magrebe, não argelinos, redescobriram Camus; e a partir das suas obras de juventude, onde ele tinha a sensação de estar no centro das coisas e desta verdade primária que só a imersão cósmica pode revelar.

---

<sup>5</sup> Extrato do prefácio da reedição de “L’Envers et l’endroit”, citado por Paul Siblot em sua contribuição, intitulada “Noces ou d’un irréductible divorce”.

Verdade primária que em seu tempo esteve diretamente ligada ao mito mediterrâneo e à ideologia da raça nova, e que não podia ficar sem eco. Mas era apenas um sonho ou desejo de sonho, tentando ocultar os conflitos sociopolíticos e transcender o impasse colonial. Este lugar de sacrifício já se perfilava no horizonte de *Noces* e adiava o sonho mediterrânico. A culpa é do desvio da visão fenomenológica que inviabiliza o encontro com o Outro, o árabe: “o repentino jorro de luz” que cega e impede ver; o gozo exclusivo da presença-no-mundo que impede captar a sua verdadeira linguagem, a perturbação dos sentidos e o prazer imediato...

A perda já estava inscrita em *Noces*; perda de um Éden e impossível deriva da Argélia a partir da Grécia. Porque as derivas da Argélia e dos demais países do Magrebe são infinitas; nenhuma deriva exclusiva é finalmente possível, nem mesmo aquela que o Livro afirma. Mas não foi um pouco graças a Camus que entendemos isso? Não terá ele inspirado, em certa medida, Farès nestes versos *de L'Exil et le désarroi*:

Eu sou  
Eu existo  
Como elo completo  
desta superfície  
palpável e calorosa  
a que chamamos de Mundo  
minha irmandade  
e minha lei.  
Eu não gosto  
dos destruidores  
dos meus prazeres  
nativos ondas  
de um discurso florescente  
de grandes sonhos. \*\*\*

A palavra mediterrânea é, hoje em dia, da ordem do dizível, basta considerá-la na sua totalidade não seletiva segundo uma intersecção de eixos que ligam todas as margens. Alguma vez se questionou, naqueles tempos coloniais, o que aconteceu à Andaluzia, de onde e para o que derivou? Não será na multiplicidade de suas derivas, imaginadas e depois realizadas, que Ibn Arabi, dir-nos-á Meddeb, “por uma feliz coincidência que desafia a história, deixa, em bicos dos pés, o monoteísmo semítico para compartilhar com Lao-Tzil, Chuang Tzü, a ontológica tensão entre o um e os muitos, entre a realidade do Verdadeiro e as dez mil coisas, seres possíveis, mudando perpetuamente na transmutação universal”<sup>6</sup>

#### TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

FERNANDO GOMES

Universidade de Évora

#### \* TRADUÇÃO NOSSA DE:

*Père, j'ai été disciple dans la zaouïa de mon maître, mais/ aujourd'hui le Livre a changé de camp et de lecteurs./ J'ai interrogé la colline, et la colline m'en a dit plus que le Livre,/ et toutes ses pages réunies./ J'ai interrogé la vallée, et la vallée m'a montré plus de choses que/ le Livre, et toutes ses pages réunies./ J'ai interrogé la montagne, et la montagne a exigé plus de choses/ que le Livre, et toutes ses pages réunies./ J'ai interrogé mes frères et mes frères m'ont répondu plus de/ choses que le Livre, et toutes ses pages réunies./ J'ai alors connu ce choix: être un disciple du Livre, ou un être du/ monde?/ Père, je dis ces choses alors que mon cœur est toujours inscrit/ dans la zaouïa de mon maître,/ Mais, ma/ souffrance, père ?/ (ma souffrance)/ veut aller au-delà du Livre./ Je veux/être,/ Ià-bas/ dans/ le jeu/ libre du monde". (L'Exil et le désarroi, p. 55).*

#### \*\* TRADUÇÃO NOSSA DE:

*Et puis un temps vient toujours dans la vie d'un artiste où il doit faire le point, se rapprocher de son propre centre, pour tâcher ensuite de s'y maintenir /.../. Dans le songe de la vie voici l'homme qui trouve ses vérités et qui les perd sur la terre de la mort, pour revenir à travers les guerres, les cris. La folie de justice et d'amour, la douleur enfin, vers cette patrie tranquille où la mort même est un silence heureux. Voici encore... Oui, rien n'empêche de rêver à l'heure même de l'exil, puisqu'au moins, je sais cela de science certaine, qu'une œuvre d'homme n'est que ce long cheminement pour retrouver par les détours de l'art les deux ou trois images simples et grandes dans lesquelles, une première fois s'est ouvert le monde.*

#### \*\*\* TRADUÇÃO NOSSA DE:

*Je suis/ J'existe/ Comme lien entier/ de cette surface/ palpable et chaleureuse/ que l'on nomme le Monde/ mon entour/ et ma loi./ Je n'aime pas/ les destructeurs/ de mes jouissances/ natives ondes/ d'un discours épanoui/ de grands rêves (p. 46).*

---

<sup>6</sup> Meddeb, *Phantasia*, p. 69.